

Elizabeth McNeill

NOVE SEMANAS E MEIA

Memória de um romance

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**

A primeira vez que fomos para a cama, ele prendeu-me as mãos por cima da cabeça. Gostei. Gostei dele. Era taciturno, de uma forma que me parecia romântica, divertido, inteligente, tinha uma conversa interessante e dava-me prazer.

Da segunda vez, apanhou o meu lenço do chão, onde eu o tinha deixado cair quando me despi, sorriu e disse:

— Deixas-me vendar-te os olhos?

Nunca me tinham vendado os olhos na cama, e gostei. Gostei dele, mais ainda do que na primeira noite e, mais tarde, enquanto lavava os dentes, não pude deixar de sorrir: encontrara um amante extraordinariamente habilidoso.

Da terceira vez, deixou-me várias vezes à beira do orgasmo. Quando, mais uma vez, estava pronta a explodir e ele voltou a deter-se, ouvi a minha voz incorpórea acima da cama a suplicar-lhe que continuasse. Ele fez-me a vontade. Comecei a apaixonar-me.

Da quarta vez, quando estava excitada a ponto de me alhear de tudo o resto, usou o mesmo lenço para me atar os pulsos. Naquela manhã, tinha-me mandado treze rosas para o escritório.

É domingo, fim de maio. Estou a passar a tarde com uma amiga, que saiu há mais de um ano da empresa onde trabalho. Para surpresa de ambas, temo-nos visto mais durante estes meses do que quando trabalhávamos no mesmo escritório. Ela vive no centro e no seu bairro há uma feira de rua. Vamos andando, parando, falando e comendo e ela comprou uma velha caixinha de comprimidos em prata, muito bonita, numa das bancas onde vendiam roupa e livros em segunda mão, bricabraque identificado como «antiguidades» e enormes retratos de mulheres lúgubres com acrílico incrustado nos cantos das suas bocas rosadas.

Estou a tentar decidir se hei de dar meia volta e voltar atrás meio quarteirão até à mesa onde tinha estado com um xaile de renda na mão, que a minha amiga considerou imundo.

— *Estava* imundo — digo para as costas dela, pois segue uns passos à minha frente, esperando que me oiça acima do barulho. — Mas não o consegues imaginar lavado e remendado?

Ela olha-me por cima do ombro, põe a mão direita em concha na orelha, aponta para a mulher num fato enorme de

homem que experimenta vigorosamente uma bateria; revira os olhos e continua a afastar-se.

— Lavado e remendado! — grito. — Não o imaginas lavado? Acho que devia ir lá comprá-lo, é uma peça com potencial...

— Então é melhor ires — disse uma voz junto à minha orelha esquerda — e depressa. Alguém pode comprá-lo e lavá-lo antes que ela te oiça no meio desta barulheira.

Viro-me bruscamente e olho aborrecida para o homem que se encontra mesmo atrás de mim, depois volto-me de novo para a frente e tento alcançar a minha amiga. Mas estou literalmente presa. A multidão passou de uma deslocação lenta para uma imobilidade absoluta. À minha frente encontram-se três crianças com menos de seis anos, com gelados italianos a escorrerem-lhes das mãos; a mulher à minha direita brande, com um vigor perigoso, uma sandes de *falafel*; um guitarrista uniu-se à percussionista e o público contempla-os hipnotizado, paralisado de tanta comida, ar puro e boa disposição.

— É uma feira de rua, a primeira da temporada — diz a voz junto à minha orelha esquerda. — As pessoas metem-se com desconhecidos. Se não, qual seria a piada? Continuo a achar que devias voltar para trás e comprá-lo, seja o que for.

O sol é intenso, porém, não está calor, o ar é ameno; o céu brilha, a atmosfera está tão límpida como a de uma terreola do Minnesota; a criança do meio, à minha frente, lambeu os gelados de cada um dos amigos; nunca tinha visto uma tarde de domingo tão bela.

— Não passa de um xaile seboso — digo —, nada de especial. De qualquer forma, é um bom trabalho artesanal

e só custa quatro dólares, o preço de um bilhete de cinema. Acho que afinal vou lá comprá-lo.

Porém, agora não é possível ir a lado nenhum. Ficamos parados, a olhar um para o outro, e sorrimos. Ele não usa óculos de sol e baixa os olhos semicerrados para mim enquanto o cabelo lhe cai para a testa. O seu rosto torna-se atraente quando fala, mais ainda quando sorri. Penso que deve ficar horrível nas fotografias, pelo menos se tentar manter-se sério em frente da máquina. Veste uma camisa puída rosa pálido, com as mangas arregaçadas; as calças de cáqui são largas — no entanto, penso que não é homossexual; a forma como as calças assentam é um dos poucos elementos que permite ter a certeza, embora nem sempre seja fiável — e calças ténis sem meias.

— Eu acompanho-te — declara. — Não perderás a tua amiga, esta confusão estende-se apenas por mais um ou dois quarteirões e acabarão por encontrar-se, a não ser que ela decida sair desta zona, claro.

— Não o fará — digo. — Ela vive aqui.

Ele começou a abrir caminho em direção ao lugar de onde tínhamos vindo e disse-me, por cima do ombro:

— Eu também e chamo-me...

Agora é quinta-feira. Comemos fora no domingo e na segunda; no meu apartamento, na terça. Na quarta-feira, carnes frias do Zabar na festa de uma colega. Hoje faz ele o jantar no seu apartamento e estamos na cozinha, a falar enquanto ele prepara uma salada. Não quis a minha ajuda, encheu um copo de vinho para cada um e tinha acabado de perguntar-me se tenho irmãos quando toca o telefone.

— Não — diz. — Esta noite não me dá jeito, a sério. Estou a dizer-te que não, essa merda pode esperar até amanhã...

Há um longo silêncio durante o qual me faz caretas e abana a cabeça. Finalmente, explode:

— Oh, pelo amor de Deus! *Okay*, passa por aqui. Mas apenas duas horas, juro-te que, se não resolveres isso em duas horas, azar, tenho planos para esta noite...

«*Que imbecil!* — queixa-se para mim, mal-humorado e envergonhado. — Oxalá desaparecesse da minha vida! É um gajo simpático para beber uma cerveja, mas não tem nada a ver comigo, a não ser que joga ténis no mesmo sítio e trabalha na mesma empresa que eu, onde anda sempre atrasado e depois precisa de um curso intensivo, como no

secundário. É pouco inteligente e não tem garra. Vem aí às oito, é sempre a mesma coisa, por causa de um assunto que devia ter resolvido há duas semanas, e agora está em pânico. Lamento, a sério. Mas nós vamos para o quarto e tu podes ficar aqui a ver televisão.

— Prefiro ir para casa — digo.

— Nada disso — responde ele. — Não vás para casa, era precisamente isso que eu receava. Olha, comemos e fazes qualquer coisa durante uma ou duas horas, telefonas à tua mãe, ou qualquer outra coisa que te apeteça, e ainda podemos passar um bom bocado quando ele se for embora, porque ainda serão só dez horas, *okay?*

— Não costumo telefonar à minha mãe quando tenho uma ou duas horas livres — respondo. — Detesto a ideia de ter de andar a fazer tempo durante um par de horas, quem me dera ter trazido trabalho...

— Não seja por isso, é só escolheres — argumenta ele —, podes servir-te do que quiseres. — Estendeu-me ansiosamente a sua pasta, fazendo-me rir.

— Está bem — acedo. — Vou procurar qualquer coisa para ler. Mas *vou* para o quarto e não quero que o teu amigo saiba que aqui estou. Se às dez ele ainda cá estiver, saio envolta num lençol em cima de uma vassoura, a fazer gestos obscenos.

— Ótimo! — Sorri. — De qualquer forma, vou pôr a televisão no quarto para o caso de te aborreceres. E, depois de jantar, vou a correr ao quiosque aqui ao lado para te trazer uma pilha de revistas... para procurares gestos obscenos de que não te tenhas lembrado.

— Obrigada — digo e ele volta a sorrir.

Depois de termos jantado bife e salada, bebemos café na sala, sentados, lado a lado, num sofá fundo estofado de algodão azul desbotado, já quase cinzento nos braços, com o debrum a desfiar.

— O que *fazes* ao café? — pergunto.

— O que faço? — repete ele, perplexo. — Nada, fi-lo na cafeteira elétrica, não está bom?

— Ouve — digo —, não precisas de ir buscar as revistas se me alcançares aquele Gide com a capa branca brilhante que está na prateleira de cima à esquerda na sala. A lombada chamou-me a atenção quando estávamos a jantar. Aquele homem foi sempre bastante obscuro para mim.

Porém, quando ele trouxe o livro, era um exemplar em francês. E o Kafka, que caiu quando tirou o Gide do sítio, estava em alemão.

— Não faz mal... — comento. — Não terás por acaso *O Desgosto de Belinda*? Ou, melhor ainda, *Paixões Numa Noite de Tempestade*?

— Lamento — diz. — Acho que não tenho nenhum deles...

O tom apreensivo e cauteloso da sua voz irrita-me ainda mais.

— Então pode ser *Guerra e Paz* — afirmo, rancorosa — nessa rara e requintada tradução japonesa.

Pousa os dois livros que tinha na mão e passa-me um braço pelos ombros.

— Querida...

— *E* — continuo num tom tão mesquinho e desagradável como os meus sentimentos — não te parece um pouco prematuro chamares-me querida? Conhecemo-nos há noventa e seis horas.

Ele puxa-me para si e abraça-me com força.

— Olha, não sei como dizer-te o quanto lamento. Isto é uma situação idiota, sem pés nem cabeça... Vou desmarcar tudo.

Assim que ele se dirige para o telefone, sinto-me ridícula. Aclaro a garganta, engulo em seco ruidosamente e digo:

— Deixa lá. Vou ler o jornal nessas duas horas e, se me deres papel, escrevo uma carta que devia ter enviado há meses. Será um bom estímulo para a minha consciência. Também vou precisar de uma caneta.

Ele sorri, aliviado, dá uns passos até uma grande secretária de carvalho situada na outra ponta da sala e regressa com um monte de folhas de boa qualidade, de cor creme. Dá-me a caneta de tinta permanente que tinha no bolso interior do casaco e arrasta a televisão até ao quarto.

— Espero mesmo que não te aborreças muito — diz ele. — Não volta a acontecer.

Não posso saber nesse momento de que forma ele cumprirá a promessa.

Quando tocam à campainha, já estou instalada na cama dele, encostada a uma das almofadas contra a parede, com os joelhos levantados e a caneta grossa, sólida e confortável na mão. A seguir, oiço dois homens a cumprimentar-se, mas, quando começam a falar normalmente, quase não consigo perceber as palavras.

Começo a escrever a carta («... conheci um homem há uns dias, bom início, muito diferente do Gerry, que neste momento está mais do que satisfeito com a Harriet, lembras-te dela...»), dei uma vista de olhos pelo *Times*, li o meu horóscopo no *Post*: «As teorias são fáceis de expor, mas não

devem ser tomadas em consideração porque toda a gente sabe o que são. Reservar as primeiras horas para compras urgentes.» Por uma vez na vida, penso, gostaria de perceber o meu horóscopo. Estico as pernas, recosto-me na almofada. Nas horas que passei aqui com ele, prestei pouca atenção ao que me rodeia. Agora verifico que não há grande coisa para ver. É um quarto grande, com pé direito alto e o chão coberto com a mesma alcatifa cinzenta que o vestíbulo e a sala. As paredes são brancas, completamente despidas. A cama, com o seu estrado de madeira e colchão de espuma baixo, é grande, mas parece pequena. Os lençóis são brancos — reparo que estão lavados, tal como na segunda-feira; quantas vezes mudará este homem de lençóis por semana? —, o cobertor é cinzento-claro e não há colcha. As duas janelas altas que se abrem à esquerda da cama estão tapadas com estores de bambu, pintados de branco. Num dos lados da cama, há uma cadeira, onde agora se encontra o televisor; no outro, uma mesa de cabeceira em madeira igual à do estrado da cama. O candeeiro que está nesta mesa de cabeceira tem um abajur branco, um pé redondo, azul e branco, desses que se fazem com jarrões chineses, e uma lâmpada de setenta e cinco watts. Gosto do pé gracioso do candeeiro, mas penso: «Este homem lê os livros na língua original em qualquer sítio, mas com certeza não na cama. Porquê privar-se de um dos prazeres mais gratificantes? Só precisava de mais luz, mais umas almofadas e um candeeiro de leitura...»

Pergunto-me o que terá achado do meu quarto: menos de metade do tamanho deste, pintado por mim e duas amigas numa discreta cor de pêssego, cujo tom exato só encontrei depois de quase três meses de angústia. Valera a pena.

Questiono-me o que terá achado do edredão estampado, das cortinas, dos lençóis e das fronhas a condizer, dos três tapetes gregos gastos, das recordações de todas as minhas viagens a cobrirem a minha cómoda, o toucador, as prateleiras; as pilhas de publicidade, revistas, livros de bolso espalhados pelo chão de ambos os lados da cama; as três canecas de café vazias e os cinzeiros cheios; a embalagem de *take away* do restaurante chinês, vazia, mas com um garfo lá dentro; a roupa suja enfiada numa fronha encostada a um canto, as fotografias de Al Pacino e Jack Nicholson arrancadas dos jornais enfiadas no caixilho do espelho por cima da mesa, ao lado de uma fotografia polaroide dos meus pais sorridentes, e de outra minha com um primo de quatro anos em Coney Island; um postal dos fiordes da Noruega, enviado por um amigo, e outro de uma capela siciliana pela qual me tinha apaixonado há dois anos. Ainda as capas emolduradas da *New Yorker*, penduradas na parede, e mapas de todos os países onde estive, com algumas cidades assinaladas com um círculo vermelho; e o meu objeto favorito: um menu manchado, com uma moldura de prata trabalhada, do Lüchow's, o primeiro restaurante de Nova Iorque a que fui, há doze anos.

Mas este quarto, digo para mim própria, é demasiado simples para poder ser chamado simples. Austero, se se quiser ser simpático, ou chique, se se quiser ser maldoso, ou monótono, se se quiser ser sincero. Não é, em caso algum, um quarto a que se chamaria acolhedor. Ninguém lhe disse que se penduram coisas nas paredes? Com a profissão que tem podia dar-se ao luxo de comprar umas gravuras bonitas; e, com o que deve ter pago por aquele monstruoso Stella da sala, podia ter forrado estas paredes a folha dourada...